



CONVERSATÓRIO 3 - Soberania Alimentar, Mulheres e a Comida de Verdade

Roselita Albuquerque – Agricultora agroecológica, assentada da reforma agrária no Assentamento Queimadas. Faz parte da Coordenação do Polo da Borborema no Agreste da Paraíba.

Boa tarde a todas as mulheres aqui, as companheiras de caminhada. É uma satisfação enorme poder tá também aqui presente, contribuindo. E trazendo o chão que eu piso, né? Então eu tô aqui falando do Assentamento Queimadas, que é o lugar que eu moro já há 15 anos. Fica aqui no Agreste da Paraíba, mais precisamente no semiárido brasileiro. Então esse é o chão da minha vida, da minha paixão. É desse lugar que a gente também vai convergindo as nossas lutas e as nossas histórias.

Quero dedicar esse momento com todas aqui, a uma das companheiras que mais me inspiram nessa caminhada, que é Margarida Maria Alves. Que é bem, bem vizinha, seu território é bem vizinho aqui do meu. Que é uma das protagonistas mulheres da Paraíba na luta contra a fome e a exploração dos trabalhadores e trabalhadoras. Então esse momento eu dedico a todas nós e trazendo essa memória presente da história da nossa conterrânea e companheira Margarida Maria Alves.

Então, acho que falar desse tema, Soberania e Segurança Alimentar e Nutricional, é a gente dizer que no semiárido brasileiro, a nossa história foi marcada por muita fome nas grandes secas. Isso a gente escutava muitas histórias das nossas avós, das nossas mães. E a gente sabia que numa grande seca, as primeiras a passarem fome eram as mulheres e eram as mulheres que saíam a busca de alimentos, a busca de água para manter as suas famílias. Essas histórias são histórias tristes, não são histórias bonitas. Ao mesmo tempo que são histórias de resistência também, das nossas mulheres, mas também do nosso povo do semiárido. E esse cenário, é um cenário que muitas famílias viveram aqui no semiárido brasileiro e por isso é tão importante a gente trazer esse contexto, né? Eu gosto de trazer esse contexto, porque é um contexto que nos faz refletir muito a História do nosso Brasil, mas também o quanto que sofrem as famílias camponesas, no campo, quando se fala da soberania e da segurança alimentar e nutricional.

E eu que sou filha de agricultores Sem-terra a vida inteira, hoje, sou assentada da reforma agrária, tenho 10 hectares e moro aqui. E a gente sabe o que que significa, ter terra, ter a condição

de poder plantar, de poder viver da terra, de poder semear esperança. E quando eu falo isso eu tô falando que, por exemplo, essa semana deu uma primeira chuvada aqui e com dois dias depois, o pé de Uvaia, que é uma plantinha que tem todo o Brasil, mas aqui também tem, rapidamente já tava cheia de frutos. E é uma planta deliciosa, é uma fruta deliciosa, e que a gente sabe o seu sabor, não só o sabor do ponto de vista da gente tomar o suco, mas o sabor, também, de ter a terra, de poder ter essa autonomia, mas também de um alimento rico e forte para nos manter.

Então, falando nisso, o Polo da Borborema, que é uma articulação sindical aqui nessa região, que trabalha em 16 municípios. Desde 93, construindo um projeto de Agroecologia e movimento sindical, a gente vem num contexto de estímulo muito grande e há muito tempo, para que as famílias, por exemplo, possam valorizar essas coisas boas que nós temos, valorizar os recursos naturais a ponto de perceber essas relações entre nós e sobre a comida, o alimento. E quando a gente fala nisso, o Polo tem estimulado na verdade aqui, uma série de experiências nesse campo da gente trazer o alimento e o nosso alimento como fonte de vida, mas também de pertencimento.

E aí eu tô dizendo isso, porque quando a gente no início nosso trabalho, quando a gente ia algumas famílias rurais, era muito triste a gente chegar na casa dos agricultores e a família oferecer para gente Coca-cola oferecia um tomate comprado na feira, quando lá tinha um umbú, tinha aquela tomate nativa aqui perto de casa, e que você pode plantar. E a gente sempre se perguntava, quando eles eram oferecidos para gente, e a gente mesmo também fazia isso, e a gente sabe que isso tem influência muito grande da mídia. E que por muito tempo, ser chique era botar um litro de Coca-cola em cima da mesa. Ser chique era botar aquela tomate grande, brilhosa e cheia de veneno para poder ser consumida. Claro que as nossas famílias também são vítimas de um processo do Capital e são vítimas disso, porque nós fomos também invisibilizados por muitos anos, do que a gente fazia, a nossa produção, do que a gente tinha, era coisa arcaica e que isso era coisa de camponês ou camponesa que não sabia fazer as coisas. Nós fomos muito tratados dessa forma, inclusive pela instituição de pesquisa pública e é preciso que a gente diga isso também.

Então a gente vai dando outras voltas, a gente vai aqui, não só aqui no território do Polo da Borborema, mas na Paraíba, assumindo inclusive, um protagonismo com as famílias de reconhecer nossas sementes, as sementes que em vários lugares é semente crioula, é semente da fartura, mas aqui na Paraíba é Semente da Paixão. E a gente vai assumindo essa luta como uma luta nossa de soberania, segurança alimentar, mas também de pertencimento, sobre o domínio dessas sementes e importância que ela tem para construir nossa soberania alimentar. Então, acho que isso é uma das coisas que eu trago aqui enquanto importante nessa luta. E o Polo vai também estimulando a produção agroecológica, para provar de que era possível a gente produzir, fazer agricultura sem o uso do veneno. E aí é nesse processo que a gente vai construindo nossas feiras agroecológicas.

Hoje, a gente tem no território 12 feiras agroecológicas, a gente tem aqui cinco quitandas agroecológicas, que são espaços permanentes de venda de produtos da agricultura familiar, em que a cidade pode vir a semana toda e vai encontrar esses produtos. São produtos mais baratos, eu lembro que nessa pandemia, enquanto a gente tava vendendo um molho de coentro por R\$ 2,00, no mercado você comprava a R\$4,00. Porque a gente também sabe que se a gente faz agroecologia e pode produzir com menos insumos, como é que a gente pode vender isso mais barato? Porque esse produto também tem que ser para todas as pessoas, não pode ser para uma parte da população. Então esse debate é um debate que a gente faz aqui claramente, com as nossas redes. E a gente tem estimulado essas redes, nesse debate inclusive do acesso alimento, do alimento mais barato e que a agroecologia nos permite isso.

E também, tivemos uma experiência muito grande nessa pandemia, de cesta solidárias apoiadas pela Fundação Banco do Brasil, numa parceria com a AS-PTA e o Polo da Borborema. Em uma das nossas entregas, a gente conseguiu juntar 25 toneladas de alimentos do nosso território, não trouxemos de outros territórios, 1500 desses produtos 1500kg foram beneficiados pelas mulheres. Então nós também estamos numa luta muito grande aqui, para fazer essa efervescência do que nossas mulheres historicamente fizeram dos seus alimentos riquíssimos, como beiju, a tapioca, o pé de moleque, o doce de banana, o doce de jaca e esses produtos chegaram a muitas famílias. Isso a gente traz de que preciso, que é possível também, construir territórios com soberania e segurança alimentar, e que esse pode ser um caminho muito importante para gente. Por exemplo, os alimentos que chegam aqui, por exemplo, na minha cidade nós temos uma feira e temos uma quitanda. O alimento vem do sítio até a quitanda, vem até a feira. Ele vem num circuito muito pequeno, ele não passa por vários circuitos para poder chegar. E nessa pandemia, a gente sabe que esses produtos tinham menos risco de contaminação, porque eles saíram da propriedade direto para a mesa das famílias, direto para quitandas e daí à mesa da família.

Então isso é extremamente importante, a construção de territórios com soberania e segurança alimentar, nesse processo de estímulo. E também assim dizer que o alimento, ele não é só algo que a gente pode consumir e nutrir, o alimento ele tem uma relação muito forte com a nossa própria história. Eu digo sempre que eu não posso falar de alimento sem lembrar da minha mãe, por exemplo, porque eu nasci no campo e eu lembro que a gente sempre comeu macaxeira com manteiga da terra e era uma das coisas mais gostosas, chega a gente ficar imaginando o sabor. Isso faz parte da minha história, então o nosso alimento, o alimento camponês, o alimento que vem das mãos dos agricultores e das agricultoras, ele também tem uma relação muito forte com a nossa cultura, com a nossa vida, ele tem muitas histórias. Então como que a gente traz a soberania e segurança alimentar olhando também as relações.

E diria que a gente tá num momento crítico também do nosso país. Porque também não dá para fazer soberania, segurança alimentar sem acesso à terra. Nós estamos vivendo um

momento desafiador e triste da nossa história. Porque a gente sabe quantas famílias não têm terra. No território aqui do Agreste da Paraíba do Polo, as terras são de 0 a 10 ha por exemplo. Então como será o futuro dos jovens que vão também assumindo essa missão de agricultor e de agricultora, de camponeses e camponesas, como ficam as nossas terras? Então o acesso à terra é prioridade, quando a gente pensa e fala da soberania, da segurança alimentar.

E uma outra questão que eu queria trazer, para fechar um pouquinho a minha fala: não dá para construir soberania e segurança alimentar num Brasil onde os agrotóxicos estão sendo liberados, como é que eu diria, tá sendo liberado de toda forma, de todo jeito. gente, são muito mais de 300 agrotóxicos liberados no Brasil. As pessoas estão consumindo veneno! Como que isso pode acontecer? Porque a gente entende que num país de Consciência Humana, dum gestor, Saúde, ter alimento saudável, ter alimento agroecológico, se gasta menos nos cofres públicos para atender a rede de saúde. Então, isso não é gasto, investir na agricultura familiar camponesa agroecológica é economia, isso é inteligência. Eu acho que essas são grandes questões que a gente pode pensar, para quando se fala e se pensa em soberania e segurança alimentar. É camponês na terra, camponês e camponesa; é construir um projeto de Agricultura Familiar, pensado a partir da agroecologia; e é pensar os bens da natureza não como mercadoria, mas como um bem comum de todas as pessoas. Esses, eu acho que são questões cruciais para a gente pensar soberania e segurança alimentar.

E também dizer que pensar soberania e segurança alimentar é também pensar na vida das mulheres. É pensar que não dá para fazer soberania e segurança alimentar com mulheres camponesas sofrendo violência, passando por períodos como a gente está começando a viver, assombrar-se com a fome no Brasil. Pensar de que quantas mulheres têm sido violentadas, têm sofrido agressões e esse alimento não pode ser agroecológico e nem pode ser um alimento com soberania e segurança alimentar, se as nossas companheiras ainda sofrem. Para mim são questões cruciais desse primeiro momento da nossa fala aqui. Muito obrigada!